

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Joelma de Fátima Ferreira

**MARIA MADALENA: REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E SUA TRANSFORMAÇÃO DIANTE  
DE JESUS CRISTO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Volney José Berkenbrock.

Juiz de Fora  
2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Joelma de Fátima Ferreira**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373444A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Maria Madalena: Representação Histórica e sua transformação diante de Jesus Cristo**, desenvolvido durante o período de 28 de abril de 2018 a 11 de junho de 2018 sob a orientação de Prof. Volney José Berkenbrock, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, 26 de Junho de 2018.

---

**Joelma de Fátima Ferreira**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( x ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# MARIA MADALENA: REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E SUA TRANSFORMAÇÃO DIANTE DE JESUS CRISTO

Joelma de Fátima Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo apresenta a trajetória de Maria Madalena: Representação histórica e sua transformação diante de Jesus Cristo. Justifica-se o tema, demonstrar que Maria Madalena aparece como uma fiel seguidora de Cristo. Mais do que isso, uma mulher à frente de seu tempo, que desafia a sociedade patriarcal da época, contrariando seu pai ao decidir se tornar uma discípula. Maria Madalena é citada como uma das mulheres que testemunharam a crucificação de Jesus e, de acordo com o evangelista Marcos, ela teria visto onde o seu corpo foi sepultado. A Bíblia relata ainda que ela acabou sendo a primeira a encontrar o sepulcro de Cristo aberto e, portanto, se tornou a anunciadora, aos outros discípulos, da ressurreição de Jesus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Madalena. Jesus Cristo. Transformação. Evangelho.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a importância de Maria Madalena, sua transformação e influência diante dos apóstolos de Cristo. Ressalta-se que no Evangelho de Maria, ela é quem anima e encoraja os apóstolos temerosos das perseguições daqueles primeiros tempos do cristianismo. E Pedro reconhece sua importância. "Irmã, sabemos que o Salvador te amava mais do que às outras mulheres. Dize-nos as palavras do Salvador que recordas, aquela que conheces e nós não conhecemos, já que não as ouvimos"<sup>2</sup>, afirma ele.

O objetivo geral deste trabalho é discorrer, sem a intenção de esgotar o tema, sobre a trajetória e a vida de Maria Madalena e seus desafios, buscando abordar como ocorreu o primeiro contato entre Maria Madalena e Jesus Cristo, explicar a partir de quando e como ela se torna seguidora de Jesus Cristo, sua trajetória diante da igreja e evidenciar a importância da mulher cristã à frente de seu tempo, onde, Maria Madalena é uma figura forte desde o início do cristianismo.

Citada nominalmente dezessete vezes na Bíblia, sendo quatorze no Novo Testamento, Maria Madalena, ao que tudo indica, era uma entre tantas pessoas que se encantaram com as pregações de Jesus e passaram a segui-lo. A principal pista sobre sua origem está no nome: originalmente, Maria de Magdala, ou seja, nascida em Magdala, uma vila de pescadores próxima ao Mar da Galiléia, localizada a 10 km de Cafarnaum, a cidade que foi a base de Jesus na vida adulta.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: joemafferreira@live.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Volney José Berkenbrock.

<sup>2</sup> O mistério sobre quem realmente foi Maria Madalena. Edison Veiga - De Milão para a BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43381775>. Acesso em: 06 junho 2018.

Maria Madalena era chamada de "apóstola dos apóstolos", justamente por ter sido a primeira a atestar a ressurreição de Cristo, o primeiro registro desta definição é atribuído ao teólogo Hipólito de Roma (170-236).

## 2. JESUS: APROXIMAÇÃO HISTÓRICA

Jesus nutrido pela esperança na atuação de Deus e pela força do batismo de João, inicia sua missão, e assim a caracteriza: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir sua obra" (Jo 4, 34; cf. Sl 40,9 e Hb 10,9). Jesus se entrega livremente a serviço do Pai. Sua liberdade brota do amor sem reservas a Deus e às pessoas.

No plano mais profundo da liberdade, Jesus se coloca como o homem totalmente livre por amor, totalmente orientado para o Pai e para os outros. Ele dá testemunho de que ninguém é tão livre como aquele que está livre da própria liberdade em razão de um amor maior. Livre de si, ele existe para o Pai e para os outros: esta é a sua opção fundamental, que faz dele verdadeiramente "um homem livre" (FORTE, 1990, p.250).

Jesus, como um Judeu do século I, possuía as mesmas esperanças e angústias do povo com quem convivia. Nasceria em um país dominado pelo império romano. Teve uma vida pobre em Nazaré, um pequeno povoado nas montanhas da Baixa Galileia, com apenas duzentos a quatrocentos habitantes e sem nenhuma importância econômica e religiosa. Também não constituiu família, nem aderiu a nenhum movimento revolucionário armado, religioso elitista ou grupo sectário, participou apenas do grupo de João Batista no deserto, antes de formar seu próprio grupo de seguidores. (PAGOLA, 2014)

A língua materna de Jesus foi o aramaico, que era uma forma dialetal na Galileia. Certamente Jesus conhecia o hebraico, que era a língua literária usada na prática da liturgia do templo e nas sinagogas. As leituras depois eram traduzidas para o aramaico. Não se sabe com certeza se Jesus sabia ler ou escrever. De acordo com um grupo crescente de autores, ele pode ter falado um pouco de grego, mas desconhecia o latim. Ao ouvir falar do movimento de conversão e batismo realizado por João Batista no deserto, deixou Nazaré, indo ao encontro do profeta, e lá recebeu incontestavelmente o batismo nas águas do rio Jordão.

Nas palavras de Pagola (2014, p. 100),

Ali, Jesus passou por uma experiência religiosa e desde então "aquele jovem artesão, oriundo de uma pequena aldeia da Galiléia não retornou mais a Nazaré", passando a se entregar a uma atividade própria e original, diferentemente de João Batista. Ele inicia sua atividade itinerante por volta do ano 27-28. Jesus se afasta da família e sua atividade de profeta não é apoiada pelos parentes mais próximos, que crêem que Jesus estava fora de si, com problemas mentais e que estavam sendo desonrados por sua atitude. Ele criou novas relações, formando para si um número de seguidores e de discípulos que o acompanhavam em suas andanças de pregador. Afastou-se definitivamente de seu lar em Nazaré, indo para Cafarnaum. Parece que, mais tarde, alguns de seus familiares se unem a ele novamente.

Segundo a mentalidade semita, Deus é o Senhor da vida e da morte. Desta forma, uma vida forte e vigorosa é uma bênção de Deus, uma vida enferma, aleijada ou mutilada é uma maldição (cf. Dt 32, 39). A partir

disso, o ponto de vista religioso era: “Se Deus, o criador da vida, está retirando deles seu espírito vivificador, é sinal de que os está abandonando”. (PAGOLA, 2014)

## 2.1 A história de Jesus pela tradição cristã

A história do reino ou reinado de Deus se desenvolve ao longo do tempo, como preparativo para sua chegada. Vai-se emoldurando na história e no desejo dos israelitas, que esperam a libertação de toda opressão, assim como receberam a libertação do Egito. Sua compreensão começa com o messianismo judaico, passa pela literatura apocalíptica e permanece viva no profetismo do deserto e com João Batista.<sup>3</sup>

Pagola afirma que o reino de Deus é a chave para captar o sentido que Jesus dá à sua vida e para entender o projeto que quer ver realizado na Galileia, no povo de Israel e, definitivamente, em todos os povos. O que ocupa o lugar central na vida de Jesus não é Deus simplesmente, mas Deus com seu projeto sobre a história humana. Jesus não fala de Deus simplesmente, e sim de Deus e seu reino de paz, compaixão e justiça (PAGOLA, 2014, p.114, 568; cf. Lc 8,1).

Seu nome, Yeshua, foi dado por seu pai José, no dia de sua circuncisão. Como este nome era muito comum naquele tempo, diferenciava-se um indivíduo do outro, acrescentando-lhe outras referências mais. Por exemplo, Jesus era chamado Yeshua bar Yosef – Jesus filho de José. Sua mãe chamava-se Maria e como seu pai era artesão e carpinteiro, ajudava-o nestes ofícios. Jesus nasceu durante o reinado do imperador romano Augusto, antes da morte de Herodes, na primavera do ano 4 A.C. Para Pagola “Não é possível precisar melhor a data do seu nascimento.”(PAGOLA, 2014, p. 577).

A fé de Jesus era totalmente voltada para Deus. Falava com entusiasmo e com plena convicção da acolhida na “morada do Pai” para aqueles que aceitassem a “verdade” sobre o Reino de Deus. No entanto, ele não cita as Escrituras para convencer sobre a compaixão de Deus. Ele crê piamente que o reino de Deus está chegando, reino este que promete mais justiça para os injustiçados. Sua fé no Pai era total, tanto que ele instituiu a oração de “Pai Nosso”.

As narrações dos evangelistas eram desafiadoras e conflituosas, porém, alimentavam os fiéis com promessas e esperanças futuras. Eles narram a história de Jesus como “acontecimento da história central do mundo” (PAGOLA, 2014, p.103 ), fazendo com que o passado e futuro ficassem ligados a este trecho da história que teria mostrado a face de Deus encarnado em Jesus, conforme segue abaixo,

**Marcos** – O primeiro evangelista a escrever foi Marcos, escrevendo o seu evangelho entre 65 e 69 D.C. Para ele, Jesus é o Messias – Cristo escondido e o grande libertador, o vencedor cósmico sobre a morte e as obscuridades, libertando o terreno das forças alienadoras, trazendo a paz divina.

**Mateus** – Este evangelista prega para judeu-cristãos e gregos na Síria, por volta de 85-90. D.C. Para ele, Jesus é o Messias - Cristo profetizado e esperado, o novo Moisés, que trouxe o novo evangelho.

---

<sup>3</sup> JÚNIOR. Luiz Carlos Gerent. **O reino de deus: como a praxe de vida de Jesus revela o projeto de amor de deus para a humanidade. Um estudo do livro “jesus: aproximação histórica” de José Antônio Pagola.** Caderno Teológico de PUCPR. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/teologico?dd1=12250&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 8 junho 2018.

**Lucas** – Evangelista dos gentios e gregos, escreveu por volta de 85 a 90 D.C. que Jesus é o libertador dos pobres, doentes, pecadores e marginalizados social e religiosamente.

**João** – Escreveu entre 90 e 100 D.C.: “Ele vê em Jesus o Filho Eterno de Deus, o logos que arma sua tenda entre os homens para ser caminho, verdade e vida, pão e água viva. O Jesus surgido no evangelho de João é hierático e transcendente se movendo sempre na esfera do divino. João é um teólogo. Seu Jesus é o Cristo da fé.” (BOFF, 2001, p. 19).

**Paulo** – Autor das epístolas, que não conheceu o Jesus histórico, anuncia o Cristo ressuscitado da fé, como uma nova humanidade. O autor das epístolas aos Colossenses e Efésios (certamente um discípulo de Paulo) utiliza categorias do pensar estóico e gnóstico respondendo a pergunta: “Qual seria a função de Cristo para a redenção do cosmos?” Cristo é chamado então de cabeça de todas as coisas (Ef 1,10), o pólo centralizador onde tudo tem sua existência e consistência (Col 1,16-20).

Segundo Pagola, com a morte de Jesus e a notícia da sua ressurreição, “[...] o olhar lançado sobre Jesus, suscitado pela fé num Deus que se identificou com ele ao ponto de ressuscitá-lo dentre os mortos abre um horizonte insuspeitado a seus seguidores da Galiléia. Na história de Jesus contemplamos a irrupção de Deus. A história que narram é uma história vivida por Deus encarnado em seu filho.” (PAGOLA, 2014, p. 373).

## 2.2 O contexto religioso da vida de Jesus e suas ações

Em se tratando das ações de Jesus, em todos os tempos e sociedades, as atitudes de rebeldia sempre levam à censura. Com Jesus não foi diferente. Ao questionar, e até mesmo reprovar o comportamento das autoridades e dos códigos vigentes, passou a ser observado e acolhido popularmente, e posteriormente perseguido devido ao temor e a revolta que causava nos poderosos de seu tempo.

Segundo Boff (2001, p. 114),

A aceitação que Jesus encontrava nas massas populares preocupava as autoridades causando-lhes inveja e má vontade (Mc 11,18; Jo 4,1-3; 7,32.46;12,10.19). Acreditava-se que pregava a subversão (Lc 23,2; Jo 7,12) e que proibia o pagamento do imposto capital ao imperador romano ( Lc 23,2), quem sabe até com sérias pretensões de assumir o poder contra o regime vigente (cf. Jo 19,12;6,15; Lc 23,2). Na verdade, suas críticas atingem os influentes sobre o povo como os fariseus (Mt 23), Herodes (Lc 13,32), os que exercem o poder em geral (Mt 20,25; Lc 22,25) e os ricos (Lc 6,24-26;18,25). Apavorados dizem: “Se o deixarmos assim, todos crerão nele. Virão os romanos, destruirão nosso lugar santo e a nossa nação.” (Jo 11,48). Na realidade, todos temiam por suas posições de força e de privilégios, principalmente os que exploravam os negócios do templo, vendendo animais sacrificiais como a família e casa de Anás. Havia algumas palavras de Jesus ditas num contexto de urgência de conversão frente à iminência do Reino, que lidas com outra ótica, poderiam causar mal-entendidos políticos: “Não vim trazer a paz, mas sim a espada” (Mt 10,34); “vim trazer a ruptura” (Lc 12,51); “vim para opor o filho contra o pai e a filha contra a mãe” (Mt 10,35); “Eu vim lançar fogo à terra e o que quero senão que ele arda?” (Lc 12,49). Evidentemente Cristo não quis violência. Antes pelo contrário, manda que amemos os inimigos (Mt 5, 44-48). Na hora em que podia lançar mão da violência, ordena prontamente: “Põe a tua espada na bainha, Pedro, porque todos aqueles que tomam da espada, perecerão por ela.” (Mt 26,52).

Neste contexto, não se sabe quando e em que circunstâncias, mas Jesus abandona tudo, deixa seu trabalho de artesão, não indo à procura de outra ocupação, de nenhum mestre para estudar o Torah e para conhecer melhor a religião judaica, nem vai para a cidade santa de Jerusalém - onde são oferecidos sacrifícios ao Deus de Israel. Se afasta da família e de sua cidade natal, Nazaré. Jesus foi para o deserto. Segundo os profetas das escrituras sagradas é no isolamento do deserto, no silêncio e na solidão que Jesus pode ouvir a voz

de Deus. De acordo com o profeta Isaías, é o melhor lugar para “abrir o caminho” para Deus e deixá-lo entrar no coração do povo.<sup>4</sup>

Após a morte do profeta João Batista, que pregava a conversão do povo no sentido de que este deveria ser orientado para alcançar o reino de Deus, seu projeto ficara interrompido, e a conversão de Israel ficaria inacabada. Seus seguidores então ficaram sem resposta: Como iria atuar Deus? O que iria acontecer com o povo? Jesus reagiu de maneira surpreendente e diferente do profeta, passando a acolher e aceitar os pecadores e o povo marginalizado pela religião e sociedade. “Não abandona a esperança que animava João Batista, porém radicaliza até extremos insuspeitados”. (PAGOLA, 2014, p.103).

Jesus ouve a voz de Deus que o chama para uma “missão nova”, não continuando como fazia João Batista. Ele passa a ter uma nova visão. Para ele, o tempo da preparação no deserto findara com a morte do seu antecessor João Batista. Ele então age de maneira surpreendente e original, prega o “reino de Deus”, porém dizendo que se iniciava um tempo que não pertencia à época antiga da preparação dos fiéis para o reino de Deus, mas uma era nova, a qual já estava próxima à salvação de Deus. Ele abandona a linguagem do deserto e passa usar parábolas para pregar ao povo.

Jesus foi considerado um grande curador e exorcista em seu tempo. Todos os Evangelhos atestam isto, até o historiador judeu Flávio Josefo, do século primeiro, comenta que durante o governo de Pôncio Pilatos como prefeito da Judeia “apareceu Jesus, um homem sábio, que foi autor de feitos assombrosos” (Antiguidades dos judeus, 18, 3, 3).

Ressalta-se que Jesus percorria toda a Galileia (cf. Mt 4,23) proclamando e curando em nome de Deus e de um reino que já podia ser visto surgir no horizonte. Ele, suas palavras e atos, eram a prova viva disso. Diante da doença, dor e da indiferença, o reino é a resposta ao sofrimento do homem. Foi através dessas palavras e ações radicais que ele foi levado ao julgamento e execução.

### 3. A MULHER NA SOCIEDADE SEGUNDO O EVANGELHO

No Antigo Testamento encontramos muitas mulheres exercendo forte liderança. Elas envolviam-se com a defesa, permanência e a formação da consciência do povo hebreu. As mulheres estão presentes onde a vida está fragilizada e ameaçada. O riso de Sara, no livro do Gênesis nos revela sua participação na constituição do povo ao gerar um filho. Os cânticos de Míriam, Débora e Ana revelam a alegria da mulher, fazendo sua parte na história da salvação. Rute é o exemplo de solidariedade da mulher oprimida. As parteiras no Egito, com coragem e astúcia tramam um novo projeto de sociedade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Isaías, 40,3. A Bíblia Sagrada (1969).

<sup>5</sup> CASONATTO, **Odalberto Domingos**. **JESUS E AS MULHERES: A MULHER NOS EVANGELHOS SINÓTICOS**. Disponível em: <https://juizdepazarbitral.wordpress.com/2010/12/16/o-legado-de-jesus-para-todas-as-mulheres>. Acesso em 8 junho 2018.

Na época de Jesus a mulher não era mais do que uma propriedade do seu marido. Este possuía servos, propriedades e a mulher. Ela era considerada pecadora e mentirosa por natureza. Seu testemunho em um julgamento era considerado de pouco valor.<sup>6</sup>

Após a ressurreição, foi às mulheres que Jesus apareceu primeiro. Elas correram e contaram aos apóstolos. Mas estes não as levaram a sério. Era o testemunho de mulheres, e mulheres eram influenciáveis e pouco confiáveis. Mas Jesus confiava nelas.

Também foi para uma mulher que Jesus primeiro revelou, de modo claro, que era o Messias. Ele escolheu uma mulher, não judia e discriminada, para se revelar. Ele estava na região da Samaria, junto a um poço d'água, quando uma samaritana se aproximou deste poço a fim de retirar água. Jesus pediu a ela um pouco de água. A mulher ficou surpresa, porque judeus não usavam copos, pratos e talheres que tivessem sido usados pelos Samaritanos ou por pagãos (pois os consideravam impuros). Mas Jesus usava, pois Ele não era prisioneiro dos preconceitos de sua época. Em troca da água Jesus ofereceu seu conhecimento e se revelou o Messias.<sup>7</sup>

### 3.1 A mulher no mundo judaico

No mundo judaico, assim como em todo o Oriente Médio, a estrutura social era patriarcal e na região do Mediterrâneo por volta do primeiro século a.C. até o início do segundo século quase nada havia mudado, e a estrutura da sociedade se refletia na família patriarcal, onde o homem continuava sendo o dono da mulher e dos filhos. Mulher, filhos e filhas eram considerados bens e patrimônio do pai de família, assim como escravos, animais e outros bens.

Segundo Reimer (2006, p.74),

O Judaísmo apresenta características patriarcais dentro de seu contexto histórico mais amplo, contudo, o patriarcado não era algo exclusivo da sociedade e religião judaicas; ele era um sistema vigente em todas as sociedades do Mar Mediterrâneo, vigorando ideológica e legalmente sustentado dentro do sistema romano. O patriarcado romano é de dominação e ocupação geopolítica, de exploração física, sexual e psicológica contra todas as pessoas, de expansão e construção na base do trabalho escravo e da imposição de impostos e tributos. Esse patriarcado é a macroestrutura, dentro da qual se organizará a vida, a convivência e a resistência a partir de microestruturas como a casa, a comunidade, a associação profissional

É dentro desse contexto de opressão exercido pelo império romano sobre os povos dominados que precisamos entender o nascimento do cristianismo, dentro desse patriarcalismo, porque “o patriarcado judeu é o patriarcado de um povo oprimido, buscando sua sobrevivência cultural, social e religiosa dentro de um contexto que lhe é hostil.” (REIMER, 2006)

---

<sup>6</sup> MEYERS, Carol. As raízes da restrição – As mulheres no Antigo Testamento. *Estudos Bíblicos*, A mulher na Bíblia, n. 20, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 9-26.

<sup>7</sup> CASONATTO, **Odalberto Domingos**. O LEGADO DE JESUS PARA TODAS AS MULHERES. Disponível em: <https://juizdepazarbitral.wordpress.com/2010/12/16/o-legado-de-jesus-para-todas-as-mulheres>. Acesso em 8 junho 2018.



### 3.2 A mulher no mundo greco-romano

No mundo greco-romano a família era patriarcal e essa situação contribuía para a mulher ser ainda mais discriminada e condenada por uma concepção da vida que defendia um determinismo biológico, assimilado como se fosse imposto pelas próprias divindades, pois segundo o pensamento da maioria das pessoas, a mulher na sua constituição biológica já trazia as marcas dessa discriminação, levando a construção dos papéis sociais de gênero, onde a mulher e o homem já nasciam com os seus papéis pré-determinados pelas divindades. Mudar essa ordem seria ir contra a determinação divina e contra a lei natural estabelecida.

Segundo Reimer (2006, p.89),

A construção de nossas identidades femininas e masculinas depende mais da nossa cultura do que da nossa anatomia. Elas vão sendo construídas, assumidas, introjetadas e reproduzidas por mulheres e homens em seus processos de educação, produção e reprodução. Essa construção de identidade pessoal e social é forjada num processo de dinâmicas de relações de poder dentro de estruturas de sistemas patriarcais de subordinação, nos quais os meios de comunicação atuam como fator substancial.

As sociedades antigas da área do Mediterrâneo não estavam marcadas apenas pela diferenciação básica entre estrato superior e estrato inferior (elite e massa). De grande relevância social era igualmente a pertença de uma pessoa ao gênero masculino ou feminino. Essa postura antiga constitui assim um exemplo da percepção antropológico cultural de que o gênero é um constructo social, ou definido socialmente, à medida que as atribuições de papéis e a distribuição de competências entre os gêneros estão inseridas nas condições conjunturais sociais e culturais de uma sociedade. (REIMER, 2006)

### 3.3 A mulher no Egito

No antigo Egito a mulher cuidava de todos ao seu redor, isso incluía filhos, marido e servos. Seu dever era gerar, cuidar e curar.

Destaca-se que, com o fim do Reino Antigo e o surgimento do feudalismo os direitos individuais foram diminuindo, dando lugar aos direitos corporativistas e isso, foi prejudicial para a mulher, pois além de perder a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a mulher passou a ser subordinada ao pai ou ao marido. Parece que essa situação foi mais difícil no campo, porque na cidade as mulheres continuavam a ter um pouco mais independência.

De acordo com informações de Tepedino (1990, p.11), "A situação da mulher no Egito foi bastante diferente do comum no Oriente. No Reino Antigo, na idade das pirâmides até o fim do período helenístico, (30 a.C), as mulheres possuíam um alto status".

Durante pesquisa efetuada na obra de Tepedino (1990), pode-se destacar a afirmação de que existem várias discriminações contra a mulher, mas na classificação do autor, as mais relevantes são: a projeção do

gênero masculino em Deus, a deficitária biologia e fisiologia da mulher, a circuncisão limitada ao sexo masculino, uma leitura parcial do livro do Gênesis, o aspecto legal e as prescrições em relação à natureza da mulher.

Segundo Tepedino (1990, p.67),

A leitura parcial do livro do Gênesis leva a discriminação. Por mais que alguns autores, atualmente, ainda falem “que os relatos da criação colocam as mulheres numa situação subordinada, a maioria dos exegetas, (...), provam que a intenção dos autores sagrados tanto o sacerdotal (P) como o javista (J) era no sentido de mostrar a igualdade dos sexos”. Mas por outro lado sabemos que durante séculos a mulher foi considerada ontologicamente inferior ao homem, porque foi criada depois que o homem. Neste sentido, Gn 3 foi interpretado como sendo o relato que coloca a mulher como a pecadora que levou o homem a pecar. Assim, o pecado do mundo foi posto nos ombros da mulher e por ela ser culpada do pecado é que foi considerada eticamente inferior ao homem;

Neste contexto, a discriminação contra a mulher era tamanha que ela não podia ser identificada por ninguém e para isso ela só podia sair de casa em casos de extrema necessidade e assim mesmo ela devia sair com véu na cabeça e no rosto. Além disso, não podia falar com nenhum homem e caso falasse era acusada de adultério. Era obrigatório só para a mulher a observação da fidelidade conjugal. O homem só não podia cometer adultério com mulher casada, mas em as demais mulheres não existia nenhuma lei que o proibisse. O homem poderia pedir divórcio pelos motivos mais fúteis, desde não gostar da comida até encontrar uma mulher mais jovem que lhe interesse, diz Tepedino. A poligamia era permitida ao homem. Porém, à mulher cabia apenas suportar essa situação. (TEPEDINO, 1990)

#### **4. MARIA MADALENA: A MULHER NO DISCIPULADO DE JESUS**

O evangelho de João em sua primeira conclusão afirma que “Jesus realizou diante dos discípulos outros sinais que não estão escritos neste livro. Esses sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E que, acreditando vocês tenham a vida em seu nome” (Jo 20, 30-31). A comunidade dos discípulos e das discípulas de Jesus guardou a memória de encontros. Encontros marcados, provocados, gerados pela necessidade, pela dor, ausência, busca. Muitos desses encontros aconteceram com e pela presença das mulheres, qual seja, segundo o autor Frigerio (2000, p.108-109)

Encontros marcados pela presença, da água, do sangue, do espírito. Encontro que apressa a hora na água e no vinho (Jo.2,1-12) Encontro no poço que marca a hora da revelação, da universalidade, da quebra de barreiras. (Jo.4,1-42). Encontro banhado de lágrimas que geram a intepidez do crer, a empatia do amor, a devolução da vida (Jo.11,1-44). Encontro no cheiro do perfume que profetiza, antecipa e, torna-se evangelho da mulher em todo tempo e lugar: lá onde este gesto for rememorado (Jo.12,1-8). Encontro aos pés da cruz. Encontro na oblação e acolhida, no filho ofertado, no filho acolhido, no coração que se torna ventre gerador no sangue e na água (Jo.19,25-37).

A literatura sagrada, que versa sobre Maria Madalena, também não é homogênea, porque é oriunda desses contextos diversos. Trata-se de textos canônicos e apócrifos, além de comentários feitos por Pais da

Igreja. No Novo Testamento (texto canônico) ela é especificamente nomeada 14 vezes, e apenas nos evangelhos (século I): nos relatos de cruz e ressurreição de Jesus: Marcos 15,40-16,11; Mateus 27,55-61; 28,1-11; Lucas 24,10 (no contexto); João 19,25; 20,1-18; no relato de seguimento a Jesus, em Lucas 8,1-3. Nos evangelhos gnósticos (séculos II-VIII), ela é nomeada em várias passagens no Evangelho de Tomé , Evangelho de Maria Madalena , Tratado Pistis Sophia , Evangelho de Felipe , Perguntas de Maria , Evangelho de Nicodemos , O livro da ressurreição de Cristo do apóstolo Bartolomeu. (REIMER, 2016)

#### 4.1 A figura de Maria Madalena

“Eu vi o Senhor!” Essa foi a grande proclamação de Maria Madalena. E é maravilhoso ver quem ela é, sabendo quem ela era. O próprio nome com o qual era chamada “Maria de Magdála” ou “Madalena” significa “fortaleza”. Houve um momento em que ela já estava enojada da vida que vivia. Ela, que ganhava muito dinheiro, tinha tudo que desejava, seus desejos eram satisfeitos, mas em seu coração havia um vazio.<sup>8</sup>

Ela, que controlava os oficiais e era muito conhecida, praticamente tinha tudo em suas mãos. Mas o coração dela não tinha paz, pois lhe faltava algo muito importante. Quando ouviu falar de Jesus o coração dela começou a estremecer. “O que esse Homem está dizendo? Será que é disso que eu preciso?” Deve ter pensado. E Madalena começou, de longe, às escondidas, a buscar saber mais sobre o senhor. E pouco a pouco foi se aproximando de Jesus. E se perguntou: “Será que não é de um Deus assim de que estou precisando?”<sup>9</sup>

Até que um dia ela não aguentou mais e se aproximou de Cristo para ouvi-lo de perto e, teve a coragem de se aproximar d'Ele e assim experimentou todo o amor e a misericórdia de Deus. Jesus não a reprovou, por isso ela sentiu misericórdia divina e viu a possibilidade de ser diferente. Deixou tudo para trás porque viu que Ele era o Messias, anunciado pelos profetas desde Moisés.<sup>10</sup>

A partir dessas colocações básicas, percebe-se como inegável a importância de Maria Madalena, a Maria da cidade de Magdala, em vários sentidos: De acordo com os textos canônicos, vivenciou a cura com Jesus, serviu a Jesus (diaconia), tornando-se seguidora-discípula de Jesus, junto com outros(as) discípulos(as), vivenciou o processo de condenação e morte de Jesus, junto com outras mulheres discípulas, foi ao túmulo para embalsamar Jesus e vivenciou a ressurreição dele, proclamou sua ressurreição aos demais discípulos(as) e aos Onze. Também em João, ela atua como protagonista na hierofania<sup>11</sup> do ressurreto e no anúncio apostólico desta Boa Nova. (REIMER, 2016)

#### 4.2 Maria Madalena nos Evangelhos

<sup>8</sup> ABID. Monsenhor Jonas. Maria Madalena: De pecadora a discípula. Disponível em: <http://gobranova.blogspot.com/2009/07/de-pecadora-discipula.html>. Acesso em 21 junho 2018.

<sup>9</sup> ABID, op.cit. , loc. cit.

<sup>10</sup> ABID, op.cit. , loc. cit.

<sup>11</sup> Revelação ou manifestação do sagrado. Manifestação do que é próprio de Deus, de uma divindade, religião. Etimologia (origem da palavra hierofania). De hiero, sagrado, + fania, manifestação. Fonte: <https://www.dicio.com.br>.

As fontes que temos sobre sua vida, são os Evangelhos canônicos<sup>12</sup> e os livros apócrifos<sup>13</sup>. Sua primeira aparição se faz no livro de Lucas (Lc 8,2), onde a narrativa relata que Cristo expulsou dela sete demônios e, na sequência, ela se torna uma das mulheres que o acompanhariam e seguiriam.

Os escritos apócrifos de Maria, Tiago, Filipe e Pistis Sophia consideram Maria Madalena como o espírito da Sabedoria, descrita como a personificação do conhecimento; a amada de Jesus; a discípula e apóstola de Jesus; a apóstola dos apóstolos.

Quando se lê os Evangelhos pode-se inferir que Maria Madalena sentia um grande amor por Jesus. Lê-se nos evangelhos que ela foi libertada por Jesus de sete demônios, que o seguia como discípula, que o assistia com os seus bens (Lc 8,2-3) e que esteve com Maria, a Mãe de Jesus, e as outras santas mulheres quando Jesus foi crucificado (Mc 15,40-41 e par.). Maria Madalena foi, segundo os evangelhos, a primeira pessoa a quem Jesus apareceu depois da ressurreição; era ela que procurava a Jesus entre lágrimas (Jo 20,11-18).

Maria Madalena aparece firme nos momentos mais cruciais da vida de Jesus. Esteve presente na crucificação e em seu funeral, juntamente com Maria de Nazaré e outras mulheres.

Madalena aparece nos quatro evangelhos, isso evidencia a importância que ela teve no Movimento de Jesus, o quanto ela foi discípula e seguidora apaixonada pelo seu mestre, quanto ela foi amada por Ele a ponto de ser a primeira pessoa a fazer a experiência da sua Ressurreição e enviada por primeiro a anunciar aos seus irmãos homens, que o Senhor ressuscitou: “eu vi o Senhor” (Jo 20, 18). Maria Madalena é depositária da revelação de que com a morte e ressurreição de Jesus nós entramos na sua família, porque seu Pai é o nosso Pai também. (Jo 20,17).

Madalena é a mulher que testemunha a Ressurreição. Jesus foi sepultado num sepulcro novo que ficava dentro de um jardim. (Jo 19,41). “Maria Madalena, vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro.” (Jo 20,1). Essas palavras de João nos levam a compreender a paixão, o zelo de Madalena por Jesus. Enquanto a cidade dormia, o ódio de alguns parecia acalmado, essa mulher não podia dormir, inquieta, ansiosa, na escuridão da noite procurava o seu amado, aquele a quem dedicara os últimos anos de sua vida, acreditara na sua palavra, na sua proposta e agora, os sistemas que matavam, mataram-no também e já estava chegando o terceiro dia. Ela vai ao túmulo e descobre que ele está vazio. Ela avisa Pedro e outro discípulo que Jesus amava e logo volta para ficar junto do túmulo. O Evangelho de João diz que os discípulos vieram ao túmulo ver, mas “depois voltaram para casa” (Jo 20,10).

### **4.3 A transformação da mulher que ungiu Jesus**

Nos textos sagrados, Maria Madalena é uma entre muitas outras mulheres discípulas de Jesus, que vivenciaram experiências de libertação junto de Jesus e seu movimento. Sua importância está marcada pela

<sup>12</sup> Denominam-se evangelhos canônicos aqueles que a Igreja reconheceu como os que transmitiram com autenticidade a tradição apostólica e foram inspirados por Deus. São quatro e somente quatro: Mateus, Marcos, Lucas e João. Fonte: <https://opusdei.org>.

<sup>13</sup> Apócrifo é um adjetivo qualificativo, de origem no termo grego *apokryphos*, que significa oculto, aquele que não foi explorado. É um termo muito usado pelos católicos, quando se referem a todos os escritos de assuntos sagrados, não incluídos pela Igreja cristã nos livros de inspiração divina, que são considerados autênticos. Para a religião católica, todos os livros escritos sem o reconhecimento dos ensinamentos de Jesus Cristo, são considerados livros apócrifos, também chamados de livros pseudo-canônicos, que segundo a religião alguns escritos comprovam que não podem ser aceitos como palavra de Deus, pois contêm ensinamentos incoerentes com o restante da Bíblia. Fonte: <https://opusdei.org>.

igualdade, solidariedade, serviço e gratidão. A afirmação da igualdade e do reconhecimento da diferença é simultânea e complexa, porque não desqualifica a diferença. O movimento de Jesus tinha como centro o anúncio e a vivência do Reino de Deus, do qual homens e mulheres de todas as etnias, classes e idades eram convidados a participar (Gálatas 3,26-28; Romanos 6,4.18), andando “em novidade de vida”, criando novas relações entre si e no mundo, de paz, justiça, liberdade e partilha. (REIMER, 2016)

A história de Maria Madalena, em seus vários processos de construção, é importante, porque evidencia parte da história daquela época. Hoje, ela continua importante no sentido que nunca deixou de ter para movimentos de libertação e de resistência: testemunho das possibilidades históricas de e para mulheres, convite à imitação e à reconstrução, vivência de espiritualidade em meio às dificuldades históricas, afirmação do apostolado e da paixão de mulheres enquanto mulheres. (REIMER, 2016)

Ninguém a chamava com tanta ternura, só Jesus, e na hora em que Ele a chamou ela O reconheceu e respondeu “Rabôni”, que quer dizer “Mestre” em hebraico (cf. João 20.16). E Ele a enviou para ser a grande anunciadora da ressurreição d’Ele.

O Evangelho de João (Jo 20, 11-18) afirma:

Naquele tempo: Maria contudo, ficou fora chorando, perto do sepulcro. Enquanto soluçava, inclinou-se para o túmulo e viu dois anjos vestidos de branco, sentados, um à cabeceira, outro aos pés do lugar onde o corpo de Jesus tinha sido depositado. Perguntaram-lhe: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: “Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram”. Dizendo isso, voltou-se para trás e viu Jesus de pé, mas não percebeu que era ele. Jesus disse: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Ela o confundiu com o jardineiro e lhe pediu: “Senhor, se foste tu que o levaste dize-me onde o puseste para que eu vá buscá-lo!” Jesus lhe disse: “Maria!” Ela, voltando-se, falou-lhe em hebraico: “Rabbuní!”, que significa “Mestre”. Jesus disse: “Não me segures mais, pois já não estou glorificado face ao Pai? Vai, porém, procura meus irmãos para lhes dizer: subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor!” E contou o que Jesus tinha dito.<sup>14</sup>

Jesus, como narra o evangelista São João, aparece a Maria Madalena. De todas as aparições do Ressuscitado, este encontro entre o Senhor e aquela santa mulher tem algo de extraordinário. A razão disso, em boa medida, é a transformação radical que vemos ser operada na alma de Maria. Ela, que de acordo com o Evangelho segundo S. Lucas é a mulher da qual Jesus expulsou sete demônios, vivera como uma pecadora, buscando no mundo um amor que o mundo não lhe podia dar. Mas, ao descobrir a Cristo, ela transforma-se em modelo de *desapego* de todas as realidades terrenas: para ela, com efeito, o seu *tudo* só pode ser Jesus.

Ressalta-se que a Bíblia conta que, no sábado após a crucificação, Madalena saiu do Calvário rumo à Jerusalém para comprar certos perfumes, a fim de preparar o corpo de Cristo como se dava o costume funerário na época. Permaneceu na cidade durante todo o sábado e, no dia seguinte, “quando ainda estava escuro”, foi ao sepulcro e achou-o vazio. Lá, recebeu de um anjo a notícia de que Cristo havia ressuscitado e foi-lhe dito que devia informar tal fato aos apóstolos de Cristo. Após esse episódio, não há mais citações sobre ela na Bíblia.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>14</sup> A transformação de Maria Madalena. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-transformacao-de-maria-madalena>. Acesso em 6 junho 2018.

Diante do exposto pode-se afirmar que Maria Madalena aparece firme nos momentos mais cruciais da vida de Jesus. Esteve presente na crucificação e em seu funeral, juntamente com Maria de Nazaré e outras mulheres.

Maria Madalena encarna o esforço da transformação que investe sobre a natureza humana quando é alcançada pelo toque do divino amor. Tendo recebido misericórdia, ela se torna modelo de misericórdia, toma sobre si o peso da humanidade. Tendo sido libertada de um imenso sofrimento, ela o reconhece onde quer que seja, sofre-o, aceita assumi-lo. A sua resposta sem reservas aumenta nela a intensidade de amor, abrindo-a universalmente à sabedoria do coração, à compaixão.

Nos estudos e pesquisas efetuadas, pode-se concluir, que, para além da sua transformação, Maria Madalena é uma figura forte desde o início do cristianismo, onde, em uma sociedade patriarcal, Jesus ressuscitado apareceu a uma mulher em primeiro lugar, confiando a ela a missão de anunciar aos apóstolos a sua ressurreição.

Sentindo-se curada, torna-se testemunha de um amor infinito, ao mesmo tempo imagem da luta interior que o Espírito realiza profundamente para abalar e libertar. É justamente no texto joanino que se torna explícita a passagem: "Jesus lhe disse: 'Não me segure. Mas vá dizer aos meus irmãos: Subo para junto do meu Pai, que é Pai de vocês, do meu Deus, que é o Deus de vocês'" (João 20, 16). Na conversa com Jesus ressuscitado, aflora a sublimidade de um amor que supera a dimensão natural.

Importante ressaltar que, mais do que os quatro evangelhos canônicos - de João, Marcos, Lucas e Mateus -, muitos evangelhos ditos apócrifos, não reconhecidos pela Igreja Católica, tratam da vida de Maria Madalena - e são fonte de muitas das teorias sobre ela que sobreviveram ao tempo.

Em suma, Maria Madalena é a mulher emancipada do Espírito, liberta porque foi libertada interiormente. Ela expressa o deslocamento que investe sobre a carne e o sangue. Testemunha o itinerário de transformação pelo qual, como afirma São Paulo, "é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual" (Coríntios 15, 44).

## 6. REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: ensaio de uma cristologia como história. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FRIGERIO, Tea. Despir o manto... Vestir o avental. Ensaio de eclesiologia da mulher no Evangelho de João. Estudos Bíblicos nº 68. Petrópolis: Editora Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p.108-109
- GUIZZO, D. S. **Maria Madalena: luzes e sombras na urdidura de uma imagem**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.
- LELOUP, Jean-Yves. **Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro**. / Jean-Yves Leloup; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MATOS, K. C. de. **Protagonismo e resistência de mulheres no discurso de Paulo em 1 Coríntios 11 e 14**. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)** – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.
- PAGOLA; José Antônio. **Jesus – Aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- REIMER, Ivoni Richter. **Então elas se lembraram das palavras dele: memória e relações de poder nos cristianismos originários**. Tradução de Ivoni Richter Reimer. São Paulo: Paulinas, 1995.
- REIMER. Ivoni Richter. **O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização pela crença**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489>. Julho de 2016.
- REIMER, Ivoni Richter. **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.74.
- SCHOTTROFF, L. **Mulheres no novo testamento: exegese numa perspectiva feminista**. Tradução de Ivoni Richter Reimer. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis. Vozes, 1990, p.11.
- Maria de Magdala. "Apóstola dos apóstolos"**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6521-editorial>. Acesso em 30 maio 2018.
- Solenidade da Ascensão do Senhor - Ano B - Anunciai o Evangelho a toda criatura!** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/558013-madalena-emancipada-pelo-espirito-artigo-de-antonella-lumini>. Acesso em: 30 maio 2018.
- O Legado de Jesus para todas as Mulheres**. Disponível em: <https://juizdepazarbitral.wordpress.com/2010/12/16/o-legado-de-jesus-para-todas-as-mulheres>. Acesso em 8 junho 2018.